

FRIEDRICH SCHLEGEL E O SURGIMENTO DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA MODERNA

Constantino Luz de MEDEIROS*

- **RESUMO:** De acordo com Ernst Robert Curtius, as conferências sobre a história da literatura europeia de Friedrich Schlegel (1772-1829), proferidas em Paris e Viena no início do século XIX, estão entre os documentos fundadores da historiografia literária ocidental. O ponto de partida dessas preleções é a busca de Schlegel em alcançar para a história da literatura o mesmo que Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) havia realizado no âmbito das artes plásticas: um estudo sistemático e abrangente sobre a arte literária. Ao compreender a obra de arte literária em seu contexto histórico, utilizando inclusive a própria história como categoria crítica, Schlegel inaugura uma nova forma de historiografia literária, que se diferencia das coletâneas de obras literárias de seu tempo. Esse artigo analisa as duas séries de conferências sobre a história da literatura europeia com o intuito de discutir o papel do crítico, filósofo, filólogo e historiógrafo alemão no estabelecimento da historiografia literária moderna.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Friedrich Schlegel. Historiografia literária. História da crítica literária.

O desenvolvimento da historiografia literária de Friedrich Schlegel

Proferidas entre os anos de 1803 e 1812, as conferências sobre a literatura europeia de Friedrich Schlegel encontram-se entre os primeiros exemplos de historiografia literária moderna, onde o autor realiza um estudo sistemático sobre a história da literatura (CURTIUS, 1950). Estudioso incansável das mais diversas culturas e línguas, Schlegel contribuiu de forma decisiva no estabelecimento da historiografia moderna ao desenvolver um estudo da história da literatura que levava em consideração os aspectos históricos e sociais na compreensão das obras. Esse *modus faciendi* de historiografia difere completamente das coleções e compêndios de literatura de seu tempo por buscar não apenas catalogar e classificar as obras, mas,

* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte, BH – Brasil – 31270-901. constantinoluz@ufmg.br

Artigo recebido em 20/07/2015 e aprovado em 31/10/2015.

compreender seus aspectos intrínsecos e extrínsecos. O presente artigo analisa as duas séries de conferências sobre a literatura europeia de Paris (1803-1804) e de Viena (1812), realizadas por Friedrich Schlegel, com o intuito de discutir o papel do crítico literário e historiógrafo no surgimento da historiografia literária moderna.

De acordo com Ernst Behler (1958), a trajetória de Schlegel enquanto historiógrafo pode ser observado na diferença entre a série de conferências de Paris e de Viena. A década que separa as duas séries de conferências foi decisiva para o casal Friedrich e Dorothea Schlegel, significando, entre outras coisas, sua conversão ao Catolicismo e o início de uma fase mais tranquila em sua existência. Como indica Ernst Robert Curtius (1950) além de muito produtiva em termos de aprendizado de línguas, a permanência em Paris também possibilitou a Schlegel contemplar a literatura francesa sob um novo ponto de vista, tendo como consequência a revalorização das obras dos franceses em suas conferências sobre a história da literatura de Viena. Apesar de originalmente concebidas para um público maior, as conferências de Paris, realizadas entre os anos de 1803 e 1804 foram apresentadas apenas aos irmãos Sulpiz e Melchior Boisserée, a Johann Baptist Bertram e Helmina von Hastfer (BEHLER, 1958). Por outro lado, as conferências de Viena sobre a *História da literatura antiga e moderna*, realizadas no ano de 1812, foram recebidas por um público consideravelmente maior. Nas anotações deixadas em seu diário, o barão de Eichendorff, Joseph Freiherr von Eichendorff (1788-1857) descreve com detalhes as conferências sobre literatura europeia realizadas em Viena por Schlegel, deixando claro que as preleções se dirigiam a um público de aristocratas, como era comum na época:

[...] Schlegel estava vestido todo de preto, atrás de um pódio, lendo, recostado em uma pequena mesa; um público admirável se encontrava reunido; na frente, um círculo de damas, a princesa de Liechtenstein com suas princesas, no total 39 príncipes; o salão era aquecido com uma madeira cujo aroma era agradável; atrás do salão estava uma quantidade enorme de acessórios, como em um baile (CURTIUS, 1950, p.89)¹.

Ainda que falasse a um público de aristocratas, o conferencista não deixaria de tecer sua crítica sobre a problemática divisão entre a formação das classes elevadas e o povo em geral, afirmando que “[...] a divisão entre a formação que acontecia entre a classe erudita [nobre] e a do povo era o grande obstáculo para o desenvolvimento da formação nacional” (SCHLEGEL, 1961, p.11). Entre os fundamentos da concepção historiográfica de Friedrich se encontra a distinção entre a poesia dos antigos e dos modernos, realizada principalmente em sua obra *Über das Studium der griechischen Poesie* [Do estudo da poesia grega], publicada no ano de 1795. Estabelecendo a antinomia entre a poesia dos antigos e a dos modernos através da análise comparativa

¹ A tradução dessa e das demais citações são de minhas autoria.

e da aproximação recíproca entre as épocas da literatura, o crítico também indica os problemas estruturais da poesia dos modernos. O problema da poesia moderna, relata Schlegel a seu irmão August Wilhelm em carta escrita em 1794, “[...] é a unificação entre o essencialmente moderno e o essencialmente antigo” (SCHLEGEL, 1987, p.185). A descoberta daquilo que seria essencialmente antigo em contraposição ao essencialmente moderno faz com que o autor de *Lucinde* se filie à tradição dos estudos históricos de Winckelmann, “[...] o primeiro a estabelecer a antinomia entre o antigo e o moderno” (SCHLEGEL, 1981, p.104). Ao envolver pressupostos tanto do âmbito da filosofia da história, quanto da filosofia da arte, o método historiográfico utilizado por Schlegel seria definido por Peter Szondi como uma dialética histórica que envolve três períodos: “[...] a experiência da completude e perfeição na Antiguidade, o sofrimento reflexivo e a falta de objetividade dos modernos, e a esperança no reino vindouro de Deus” (SZONDI, 1978, p.11). A distinção que Schlegel realiza entre as épocas da poesia, e a concepção teleológica de uma poesia futura que viria redimir o homem também foi discutida por Ernst Behler em seu estudo sobre o surgimento das preleções de Paris e de Viena. Ao analisar a influência dos escritos de Herder no estabelecimento da historiografia moderna por Schlegel, Wolff A. von Schmidt (1974) assevera que Ernst Behler reconhece a relação entre as épocas da poesia no pensamento crítico-literário e historiográfico de Schlegel como um processo dialético em três épocas, cujo objetivo seria a harmonização entre o clássico e o romântico:

[...] Behler reconhece um processo dialético em três épocas na teoria literária de Schlegel. O primeiro degrau ou tese é a denominada literatura objetiva ou clássica, cujo auge se encontra em Sófocles. O segundo degrau ou antítese é a poesia interessante ou moderna, que se estabelece principalmente em Shakespeare. Por meio dessa relação antitética se desenvolve a síntese, o terceiro degrau, alcançado na literatura de Goethe, descrita por Schlegel como o alvorecer da verdadeira arte e pura beleza. Em razão disso, para Schlegel, a mais elevada tarefa da arte poética é alcançar a harmonia entre o clássico e o romântico (SCHMIDT, 1974, p.413).

De acordo com essa concepção de Ernst Behler, a fundamentação do pensamento historiográfico de Schlegel está intimamente relacionada a sua visão teleológica da poesia romântica, universal e progressiva – uma forma de exteriorização literária futura – como concretização de uma perfeição outrora alcançada. Com o intuito de compreender a literatura em toda a sua dimensão histórica e estética, a atividade historiográfica de Schlegel mescla a análise atenta dos fatores culturais, antropológicos, políticos, econômicos, geográficos e linguísticos, com a discussão dos aspectos intrínsecos da obra, de modo a compreender todo esse conjunto de elementos em sua contextualização histórica. Esse *modus faciendi* de crítica e estudo da literatura filia-se, de certo modo, às concepções sobre a história da arte de Johann

Joachim Winckelmann e de Johann Gottfried Herder, os quais postulavam que a exteriorização artística deveria ser compreendida em seu contexto histórico. Como demonstra Denis Thouard (2011), os estudos filológicos realizados com Christian Gottlob Heyne em Göttingen, no ano de 1790, e com Friedrich August Wolf na época de Leipzig entre os anos de 1791 e 1793 levariam Schlegel ao conhecimento da obra de exegese crítico-literária dos denominados *diaskeuastas*, os gramáticos e críticos de Alexandria, responsáveis pela reposição e restabelecimento dos cantos homéricos.

Os estudos e pesquisas sobre filologia clássica, realizados no período em que permaneceu em Leipzig sobre a influência de Wolf, levariam Schlegel a uma pesquisa mais aprofundada dos aspectos que fundamentam a literatura dos antigos, evitando o que Ernst Behler (1958, p.XXII) descreve como o “[...] diletantismo histórico que caracterizaria diversos estudiosos de seu tempo”. O estudioso da poética schlegeliana enfatiza igualmente o caráter singular de sua história da literatura em comparação com outras obras anteriores:

[...] A melhor forma de descrever as inovações de Friedrich Schlegel na escrita da história da literatura é comparar sua obra com o âmbito da habitual história literária [*Literargeschichte*] que predominava na Europa durante os séculos anteriores. Esse tipo de história literária tinha o caráter de um compêndio, apresentando seu material na forma de agregados incoerentes de informação, na maior parte das vezes em uma sequência de autores e todos os fatos conhecidos sobre eles. O âmbito da literatura era estendido a tudo o que pudesse ter sido escrito, e o limite temporal geralmente chegava até a criação do mundo. As discussões sobre textos literários consistiam em citações de trechos especiais, os quais eram bem curtos em comparação com a enorme extensão da informação sobre os autores e suas vidas (BEHLER, 1991, p.11).

Entre os motivos que explicam a diferença entre a historiografia literária de Schlegel e a maioria das obras de seu tempo está sua formação filológica. Como enfatiza Ernst Behler (1958), apenas quando se leva em consideração a sólida formação obtida nas escolas filológicas de Friedrich August Wolff e Christian Gottlob Heyne é que se pode compreender a verdadeira dimensão do papel dos irmãos Schlegel na fundamentação científica da historiografia literária no século XVIII. A formação de Schlegel, e o caráter filosófico e filológico de suas teorizações crítico-literárias se unem à sua visão estética e histórica dos fenômenos literários, tendo como consequência o desenvolvimento de uma historiografia literária original e singular. A importância da leitura das obras na língua original para a compreensão de seu verdadeiro espírito também leva Schlegel ao aprendizado da língua portuguesa no inverno entre 1800 e 1801. O estudo que o crítico realiza sobre a língua e a literatura portuguesas tem como consequência a determinação do valor da poesia de Camões para a literatura mundial. Do mesmo modo, a estadia em Paris, entre os anos de 1802

e 1803, propicia ao estudioso a proximidade com o sânscrito e o persa. Devido aos estudos e publicações nessa área, o crítico seria considerado um dos precursores dos estudos indo-germânicos na Alemanha. Além da descrição de detalhes linguísticos e a preocupação filológica com as exteriorizações literárias dos mais diversos povos, outro aspecto que fundamenta as teorizações e as conferências de Schlegel sobre a história da literatura europeia é a compreensão da autonomia de cada época da literatura, deduzida pelo crítico da filosofia da história de Herder. Na opinião de Hans Dierkes (1980), Schlegel deve a Herder o reconhecimento do valor intrínseco de cada época, embora se oponha a seu conceito de progresso universal, pelo fato de que essa visão excluiria a possibilidade de surgimento da singularidade individual. Em seu artigo sobre a constituição da historiografia literária de Schlegel, Wilma Patricia Maas (2003, p.99) salienta que a crítica a Herder praticada por Schlegel teria valor corretivo, na medida em que “[...] a ideia de progresso em Herder fornece, no máximo, a moldura espiritual para o processo da história, falhando naquilo que se refere à exposição da concretude histórica”. Nesse mesmo sentido, em um escrito que discute a relação entre a filosofia da história e a filosofia da arte na poética de Schlegel, Arlenice Almeida da Silva (2011) expõe como a concepção do desenvolvimento orgânico dos povos e culturas, advinda de Herder, influencia o estabelecimento da distinção entre os antigos e os modernos de Schlegel. Ainda de acordo com a pesquisadora, a problematização sobre o conceito herderiano de *affectio originalis* – o campo de afinidade entre as épocas, tema que aproxima Herder de Giambattista Vico (1668-1744) – resulta da tentativa de Schlegel em pensar a especificidade da poesia moderna, “[...] com base nas relações entre culturas e épocas, com a finalidade de explicar, assim, os renascimentos e declínios, sempre entendidos como realização e morte de um ideal comum em solos diferentes” (SILVA, 2011, p.77). Desse modo, é possível inferir que o método utilizado por Schlegel em sua historiografia literária mescla elementos da filosofia da história, da filosofia da arte, da crítica literária, e, inclusive, a própria história como categoria de reflexão crítica.

Aprendemos com eles, os povos, em seu modo de ser e de viver mais verdadeiro. Ouvimos conversarem e os vemos diante de nossos olhos. E, assim como a verdadeira história das ações, dos acontecimentos e dos destinos exteriores seria totalmente incompleta e ininteligível caso não levasse em consideração essa caracterização interior de seu espírito, do mesmo modo, a história da literatura também seria incompleta e defeituosa se não levasse em consideração a história política exterior. (SCHLEGEL, 1958, p.XI).

A questão da confluência entre a formação do espírito de um povo e sua história literária é parte integrante da poética schlegeliana. Com isso, o crítico desejava evitar as classificações estanques, as quais dividiam as épocas da literatura através de características retiradas de anais históricos e estudos superficiais. De

acordo com Ernst Behler (1958), entre as obras históricas que possivelmente o influenciaram em sua busca pelo estabelecimento de uma história da literatura europeia, além naturalmente da *História da arte da Antiguidade* (1764), de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), encontra-se a *History of Greece* (1784-1818), de William Mitford (1744-1827), assim como a obra do historiador francês Jean-Jacques Barthélemy (1716-1795), *Voyage de jeune Anacharsis en Grèce, vers le milieu du quatrième siècle avant l'ère chrétienne*. Além da influência de suas investigações filológicas realizadas na escola filológica de Leipzig e Göttingen, da aproximação recíproca entre filosofia da história e filosofia da arte em sua poética, e da historicização dos fenômenos literários por Winckelmann e Herder, a fundamentação da ciência da literatura de Schlegel também se apoia em sua visão da arte literária enquanto *locus* privilegiado da formação enciclopédica do homem. O conceito de *Bildung* enquanto formação enciclopédica é também influência do pensamento iluminista vigente ainda no final do século, que buscava o ideal de formação completa do homem. De acordo com Ernst Behler (1958), o ideal de formação que é inserido na concepção de literatura de Schlegel advém, sobretudo, do Iluminismo francês. Na visão de Friedrich, a literatura seria um instrumento poderoso para a formação do homem, e a historiografia literária – fundamentada em princípios históricos – deveria ser um *locus* de discussão sobre a cultura e a exteriorização literária dos mais diversos povos e épocas.

O método histórico e a aproximação entre teoria, história e crítica

As preleções sobre história da literatura de Viena e de Paris se caracterizam pelo desejo do crítico em estabelecer a singularidade do fenômeno literário por meio de seu próprio desenvolvimento histórico. O estudo minucioso das características culturais das épocas da poesia e dos povos contribui para compreender não apenas os aspectos históricos expostos artisticamente, mas também revela nuances do *Zeitgeist* espelhado na obra de arte literária. Aliado a tudo isso, a visão de Schlegel sobre os elementos intrínsecos da literatura – tais como a construção das personagens, o desenvolvimento das ações e do enredo, o tempo, o espaço, a presença do maravilhoso, o papel da representação alegórica, o foco narrativo, o tratamento de matéria antiga de uma forma moderna, entre muitos outros – complementa sua historiografia de um modo ainda muito atual. Um dos pressupostos fundamentais das preleções de Paris é a concepção de que a literatura se assemelhava a uma enciclopédia, abarcando todas as ciências e artes, sendo, portanto, seria essencial para a formação do homem. Do mesmo modo, a busca pela aproximação entre a história, a teoria e a crítica é um traço comum entre as séries de conferências, pois, o crítico acreditava que, “[...] sem conhecimento histórico não seria possível

compreender a teoria, e a visão da literatura seria incompleta e ininteligível” (SCHLEGEL, 1958, p.11). Abordando a problemática da metodologia a ser utilizada em suas conferências, Schlegel afirma que o método histórico não exclui a discussão teórica sobre as obras literárias, ao contrário, um método auxilia o outro na necessária visão do todo. Segundo o crítico alemão, sem o auxílio da discussão filosófica sobre as épocas e povos, e sem a visão histórica das mesmas, a compreensão da arte literária seria limitada:

O método histórico pode conter também o método filosófico, pois, a exposição histórica não será prejudicada quando o que foi exposto historicamente sobre as principais épocas for discutido filosoficamente, já que todo acontecimento notável tem como consequência uma reflexão filosófica. Soma-se a isso o fato de que a exposição histórica da literatura além de ser mais diversificada, universal e inteligível, não é apenas um instrumento de estudo, mas uma parte integrante da própria história. Enquanto história crítica e característica de todos os documentos do espírito humano ela [a exposição histórica da literatura] é parte integrante da história [...] Ela nos mostra o espírito da humanidade de todos os tempos e nações, o resultado de sua atuação, assim como suas ideias e inclinações. Através do conhecimento da literatura de um povo conhecemos seu espírito, sua atitude política, seu modo de pensar, e o nível de sua formação, ou seja, conhecemos a verdadeira essência de seu ser, conseguindo, assim, obter uma caracterização que procuraríamos em vão em outra parte. (SCHLEGEL, 1958, p.12).

Para o autor de *Lucinde*, a história literária seria incompleta sem o conhecimento dos aspectos culturais, sociais, etc, assim como a própria exposição histórica não poderia prescindir de um conhecimento aprofundado sobre a alma do povo, inclusive de sua literatura, já que “o espírito poético e filosófico de uma época se encontram em relação recíproca” (SCHLEGEL, 1958, p.13). Ao descrever o conceito de historiografia literária do autor de *Lucinde*, Wilma Patricia Maas (2003, p.95) afirma que é possível encontrar na metodologia utilizada por Schlegel “[...] uma orientação que faz da história, pela primeira vez, uma categoria determinante da reflexão sobre o belo”. Como resultado dessa visão da história da literatura, a análise histórico-literária de Schlegel é sempre precedida de um panorama sócio-histórico, onde o crítico discute o tipo de estado político, os aspectos econômicos, as exteriorizações religiosas, os mitos e ritos particulares, e outros elementos que possam contribuir para o conhecimento aprofundado da cultura do povo.

O método de estabelecimento da história da literatura proposto pelo crítico obedece a uma sequência que pode ser encontrada em escritos de diferentes épocas. Esse método pode ser dividido em três momentos. No primeiro momento, denominado pelo crítico de método histórico ou geográfico-sincrônico, são

analisados todos os aspectos extrínsecos da narrativa; no segundo momento são investigados e discutidos os detalhes linguísticos, estilísticos, filológicos e etimológicos – Schlegel (1958, p.39) chama esse momento de método filológico-crítico – e um terceiro momento, onde ocorre o ajuizamento poético da obra: “[...] após haver observado os poemas homéricos do ponto de vista histórico e filológico-crítico, passemos agora a um ajuizamento poético dos mesmos”. O terceiro momento também se caracteriza por uma análise comparativa com outras épocas ou estilos, como ocorre em outras obras, onde o estudioso compara a poesia dos antigos à dos modernos.

Nas conferências de Paris, em sua busca por abarcar as épocas da poesia grega de um modo histórico, Schlegel (1958, p.35) também aponta para o fato de que a literatura é um poderoso instrumento para se conhecer uma época, já que são “[...] as melhores e mais acabadas fontes: a língua, a mitologia, a história, ou seja, uma forma de se conhecer toda a vida e a formação do povo grego”. Para o crítico as narrativas homéricas eram monumentos literários e testemunhos históricos “[...] da decadência de dois dos maiores Impérios da Antiguidade: o Império troiano e a casa dos átridas, pois a caracterização que se encontra inserida nesses cantos vai até o mais fino detalhe” (SCHLEGEL, 1958, p.35). Além das considerações antropológicas e históricas que envolveriam os fenômenos literários, no caso específico da épica grega, as conferências de Paris abordam questões filológicas e poéticas como a unidade linguística que caracteriza a obra de Homero ou a utilização do hexâmetro como auxílio à memória dos aedos. Schlegel chega mesmo a fazer comentários etimológicos em seus textos sobre a história da literatura, como quando explica o significado da palavra épica: “*epos* [épica] significava nos tempos mais antigos, em Homero, apenas *palavra*, depois passou a significar *narrativa*, e após isso *poema narrativo*” (SCHLEGEL, 1958, p.36, grifo do autor). O crítico considerava a épica de Homero como um monumento histórico de uma época. Por influência dos estudos filológicos realizados com Friedrich August Wolf – autor da famosa obra *Prolegomena ad Homerum* publicada em 1795, onde indica que os cantos homéricos remontariam ao século X a. C., sendo transmitidos oralmente pelos aedos – Schlegel (1958, p.36) afirmaria que o conjunto de cantos que se conhece por *Iliada* e *Odisseia* era, em sua origem, um “conjunto de cantos menores, os quais podem ser reconhecidos pela diferença do estilo da língua utilizada e da representação artística”. Ao definir a história como um de seus principais instrumentos de determinação da historiografia literária, Schlegel também delimita os objetivos de suas preleções. Assim, no que concerne o objetivo, apesar da distância temporal entre as séries de conferências de Paris, Colônia e Viena, e das alterações que ocorrem no espírito de Schlegel, o intuito do crítico seria oferecer um quadro abrangente da literatura europeia a partir de uma leitura que levasse em consideração o contexto histórico em que a obra foi concebida, bem como sua relação com a tradição da literatura.

A estrutura formal e o tratamento da matéria

Entre os aspectos que aproximam as séries de conferências sobre literatura europeia de Paris e de Viena encontra-se a inserção da história como categoria crítico-literária na análise das épocas da poesia. Por outro lado, as preleções se diferenciam quanto ao que concerne a apreciação dos fundamentos da literatura europeia. Enquanto nas conferências proferidas em Paris – as quais ocorreram ainda antes da época da conversão de Schlegel e Dorothea ao Catolicismo – o crítico ainda considerava a Antiguidade grega como o berço da poesia europeia, nas conferências de Viena esse quadro se altera substancialmente, e Schlegel passa a contemplar a Idade Média como a origem da literatura europeia. Assim, apesar de obedecer a uma sequência cronológica similar de temas, os quais partem da poesia dos gregos até a poesia dos modernos, as conferências de Paris e de Viena destoam quanto ao tratamento da matéria. Enquanto nas preleções sobre a história da literatura europeia – como são denominadas as aulas que Schlegel deu ao pequeno grupo de aristocratas em sua residência em Paris – o crítico colocaria uma ênfase maior no período grego, o mesmo não ocorre nas conferências sobre a literatura antiga e moderna de Viena, onde a influência do Cristianismo sobre a Europa é tratada de um modo muito mais detalhado do que a Antiguidade clássica. Ao colocar a Idade Média como fundamento da poesia europeia, a abordagem sobre os povos e culturas nórdicas toma uma extensão maior do que a poesia dos gregos, de modo que é perceptível uma alteração no pensamento de Schlegel. A denominada época da *Grekomanie*, isto é, sua “mania pela cultura e civilização gregas”, cujo início data dos primeiros escritos sobre a Antiguidade clássica, ainda entre os anos de 1794 e 1796, foi substituída pelo desejo de fundamentar sua historiografia literária a partir da Idade Média europeia. Desse modo, enquanto nas conferências de Paris o crítico discute detalhadamente aspectos da vida e da cultura gregas, buscando demonstrar como a poesia grega era um *maximum* da perfectibilidade, nas conferências de Viena o acento recai sobre a cultura e as formas literárias medievais. A defesa enfática do Cristianismo que ocorre a partir da sexta conferência de Viena não ocorre em Paris, pois, na época em que residiram na capital francesa, Schlegel e Dorothea ainda não haviam se convertido ao Catolicismo. Assim, em seu esforço para fundamentar o projeto nacionalista da monarquia universal cristã, e na crítica à política napoleônica, as conferências de Viena se dedicam em grande parte a estabelecer o modo como a religião cristã se defendeu tanto dos ataques dos povos nórdicos quanto dos povos árabes, e como sobreviveu à oposição crítica dos filósofos. Para esse fim, o crítico desloca a atenção da Antiguidade para o período medieval. Ainda que as conferências de Viena sirvam também ao objetivo de fundamentar o projeto da aristocracia austríaca – que fica patente quando se observa a descrição feita pelo barão de Eichendorff do público que toma parte nas conferências – ao demonstrar como a Idade Média não fora um

período de obscuridade completa, onde a arte e a ciência inexistiam, Schlegel antecipa a reformulação histórica desse período:

A Idade Média é frequentemente concebida como uma lacuna na história do espírito humano, como um espaço vazio entre a formação da Antiguidade e o Iluminismo dos tempos modernos. A arte e a ciência medievais são colocadas completamente de lado, para que, após uma noite milenar, elas possam surgir de repente, de uma forma magnífica. Esse fato é duplamente falso, unilateral e incorreto. O essencial da formação e do conhecimento da Antiguidade nunca sucumbiu, e muito do melhor e mais nobre que os tempos modernos criaram, surgiu na Idade Média e do espírito medieval. (SCHLEGEL, 1961, p.170).

Além da metodologia histórica utilizada nas conferências – que se revela um importante documento para a historiografia literária – é grande a abrangência de temas tratados por Schlegel. Nas conferências de Paris, quando caracteriza a poesia grega, o crítico aborda *topoi* como a épica homérica, a era lírico-dramática grega, a matemática, a física, a jurisprudência, a teologia, a medicina; a poesia lírica, a poesia dramática, a caracterização da tragédia grega, a caracterização da comédia grega, a filosofia grega, a origem da prosa grega; e até mesmo a caracterização de Platão, entre outros assuntos. Por outro lado, nas conferências de Viena – onde a ênfase recai no período medieval e na relação que o Cristianismo teria com o surgimento e desenvolvimento das formas literárias medievais dos mais diversos países – Schlegel abordaria principalmente a poesia medieval, as canções de gesta, as narrativas do ciclo arthuriano, as lendas e sagas nórdicas, os *fabliaux* franceses e outras formas breves de cunho narrativo medievais. O modo detalhado com que aborda, por exemplo, as mais antigas formas poéticas germânicas, indica que um dos principais objetivos das preleções de Viena seria a busca pela fundamentação histórica de um projeto de nação, principalmente levando-se em consideração o tipo de público ao qual se destinavam as preleções de Viena, ou seja, a aristocracia que fazia frente às alterações político-sociais impostas pela Revolução Francesa. Por essa razão, as conferências de Viena se distanciam das preleções de Paris no que concerne a valorização do período medieval e da constituição das poesias nacionais dos países europeus. Assim, a poesia grega é tratada de um modo muito mais abrangente em Paris do que em Viena. A curta duração da literatura romana seria descrita tanto nas conferências austríacas, quanto nas conferências parisienses, onde o crítico aborda a questão da influência grega sobre a literatura e o pensamento filosófico romano. O conjunto de literaturas que surge após a queda do Império Romano é denominado pelo estudioso de *Literatur der Christlichen Zeiten* [Literaturas das épocas cristãs]:

A literatura romano-pagã se perde quase completamente na literatura cristão-latina. Esta deve ser observada como o mais antigo ramo e como o

ponto central da literatura moderna. Os antigos padres e doutores da Igreja [*Kirchenväter*] ainda pertenciam às épocas tardias da literatura clássica da Antiguidade. O conjunto da literatura da época moderna pode ser dividido em sete ramos principais: o *cristão-latino*, o *francês-antigo*, o *italiano*, o *espanhol*, o *inglês*, o *nórdico*, e a *literatura alemã*. A diferença entre a literatura moderna e a literatura dos antigos deve ser explicada mais do ponto de vista das alterações da religião do que das alterações linguísticas. (SCHLEGEL, 1958, p.138).

De acordo com Schlegel (1958) a literatura francesa antiga, que o crítico chama de *altfranzösische Literatur*, é a fonte original das literaturas italiana, espanhol, e, em parte, da literatura inglesa. Essa literatura francesa antiga se divide entre a literatura francesa do norte e a literatura provençal. Entre a literatura dos franceses do norte, o crítico situa a origem de diversas exteriorizações literárias as quais seriam muito valorizadas pelos românticos, principalmente pela presença intensiva do maravilhoso, como os romances de cavalaria, e as narrativas do ciclo arthuriano. Nas preleções de Paris, antes de se imbuir do espírito cristão, Schlegel compreenderia as narrativas místico-maravilhosas do norte da França enquanto a exteriorização da cultura de um povo que se mescla com o Cristianismo, afirmando que a filiação dessas narrativas à mitologia nórdica “rapidamente decairia para a representação geral da vida real”, se transformando nas novelas e nos *fabliaux*, que, por sua vez, influenciariam a poesia de Giovanni Boccaccio (SCHLEGEL, 1958, p.142). Essa concepção se altera nas conferências de Viena, quando o crítico passa a acreditar que essas narrativas, que denomina de “mística alemã da Idade Média”, são a base da cultura moderna (ou romântica) alemã (SCHLEGEL, 1961).

Quanto à poesia dos franceses, há uma grande diferença no tratamento dispensado nas conferências de Paris e de Viena. Ernst Robert Curtius (1950) afirma que a visão de Schlegel sobre a arte literária e o drama dos franceses se altera profundamente após sua estadia em Paris. A alteração na valorização da arte francesa, cuja presença na obra *Conversa sobre a poesia* publicada em 1800 e nas conferências sobre a história da literatura de Paris ainda era insípida, altera-se nas preleções de Viena, onde o crítico dedicaria diversas páginas à arte literária dos franceses, enfatizando, porém, que a exteriorização dramática era sua melhor produção literária:

O drama dos franceses é na verdade a parte mais brilhante de sua literatura e aquela que, com razão, chamou mais a atenção das outras nações. Sua tragédia representa totalmente seu caráter nacional e forma mais singular de seu sentimento, de modo que é compreensível o alto valor que eles dão a esse gênero, mesmo que a antiga tragédia francesa quase nunca represente assuntos que tenham relação com a história nacional. (SCHLEGEL, 1961, p.229).

Entre os autores nórdicos abordados nas conferências de Paris e de Viena está o poeta islandês medieval Snorre Sturlason (1179-1241). Schlegel considera sua

obra *Edda* um “sistema completo de mitologias e fábulas nórdicas, uma cosmogonia e teogonia” (SCHLEGEL, 1958, p.178). Entre os poetas ingleses tratados nas conferências, os versos, novelas e narrativas de Geoffrey Chaucer (1366-1387) são compreendidos pelo crítico como “criações espirituosas, mas um pouco rudes no tratamento artístico” (SCHLEGEL, 1958, p.168), enquanto o poeta Edmund Spenser (1552-1599) “[...] seria um dos poetas mais importantes da literatura inglesa pela grande influência exercida sobre Shakespeare” (SCHLEGEL, 1958, p.169). Comparando a obra *Paraíso Perdido*, de John Milton (1608-1674) e a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), Schlegel afirma que a tentativa de idealizar o Cristianismo por parte de Milton não alcança a grandeza da obra de Dante, pois, em face da grandiosa obra do profeta do Catolicismo o escrito do poeta inglês pareceria uma pálida cópia (SCHLEGEL, 1958). Os versos jâmbicos e as sílabas poéticas, bem como a questão da assonância – um recurso poético que consiste na repetição de sons vocálicos próximos uns dos outros, com a intenção de alcançar certa eufonia – são abordados juntamente com a aparição do maravilhoso no poema de Milton (SCHLEGEL, 1958). Ainda em relação às considerações de Schlegel sobre a literatura dos ingleses, como os outros membros do primeiro romantismo alemão, o estudioso demonstra um grande entusiasmo pelas obras de William Shakespeare (1582-1616). O estudioso considera que a história da literatura romântica inglesa se amalgama à própria história da criação artística de Shakespeare, de modo que “[...] abarcar toda a plenitude de suas obras e o desenvolvimento de seu imenso espírito [*unermesslichen Geistes*] seria matéria para uma história específica” (SCHLEGEL, 1958, p.171). Assim como August Wilhelm, que realizara uma das melhores traduções das obras de Shakespeare para a língua alemã, o crítico considerava o autor de *Hamlet* um dos “antigos modernos”, ou seja, um dos fundadores da poesia romântica, ao lado de Dante.

Enquanto as conferências realizadas em Paris tratam de um modo muito breve a literatura antiga alemã, discutindo quase que exclusivamente a poesia do denominado período da Suábia, as conferências de Viena dedicam dois capítulos inteiros – os dois últimos capítulos das preleções – a uma revisão da filosofia e da arte literária dos alemães, inclusive tecendo considerações sobre as características linguísticas da língua alemã falada nos séculos XVI e XVII (SCHLEGEL, 1961). Outro aspecto importante a ser considerado é a ênfase que Schlegel coloca no papel do Cristianismo no surgimento da poesia alemã. Nas conferências de Paris essa poesia ainda seria o resultado apenas dos movimentos dos povos nórdicos e germânicos, enquanto em Viena o crítico enfatiza o caráter cristão da antiga poesia alemã, afirmando que “[...] entre os povos alemães no resto da Europa o amor pela poesia se mostrava também nas tentativas em poetizar esse sentimento cristão, e emprestar uma roupagem poética às narrativas das escrituras sagradas” (SCHLEGEL, 1961, p.168). Como indica Marianne Thalmann (1963), a exteriorização literária

do período da Suábia, que ocorre nos séculos XII, XIII e XIV, fora também estudada por Ludwig Tieck, em sua antologia *Minnelieder aus dem schwäbischen Zeitalter* [Canções de amor da época da Suábia], publicada em 1803 em Berlim. Em sua busca pela fundamentação estética da literatura romântica, os românticos e Schlegel valorizariam as obras dos *Minnensänger*, os poetas do período suábico, como Walther von der Vogelweide (c.1170-1230), Wolfram von Eschenbach (1170-1220), e Hartmann von Aue (1165-1210). Assim, nas conferências de Paris, o período suábico é considerado por Schlegel como uma das mais frutíferas épocas da poesia antiga alemã, “[...] onde prosperaria os gêneros da épica e da lírica, mas onde não existiria poesia dramática” (SCHLEGEL, 1958, p.180).

No que concerne a poesia espanhola, as preleções de Paris abordam temas diversos, como a poesia dramática espanhola de Calderón de la Barca (1600-1681), ou mesmo uma das mais importantes obras no gênero do romance de cavalaria: *Amadís de Gaula*, obra que existiria desde o século XIV, mas cuja versão definitiva teria sido publicada no ano de 1508 por Garcí Ordoñez de Montalvo. Entre os grandes escritores espanhóis cuja obra é discutida nas conferências parisienses sobre história da literatura europeia se encontra Miguel de Cervantes (1547-1616), de quem o crítico trata de diversas obras, além do *Don Quixote*, e Felix Lope de Veja (1562-1635), em cujas peças teatrais encontra “[...] uma mescla de sentimento sublime e força trágica somente comparável às obras dramáticas de Calderón, autor que deve ser considerado o último poeta romântico” (SCHLEGEL, 1958, p.163). Diferentemente das preleções de Paris, onde o crítico apenas menciona rapidamente que “Cervantes expôs toda a sua concepção de chiste em seu Dom Quixote” (SCHLEGEL, 1958, p.163), nas conferências de Viena, o crítico aborda essa questão de um modo mais detalhado, levando principalmente em consideração o fato de que o chiste contribui para a concretização da representação da realidade, e que a representação ou exposição [*Darstellung*] indireta é a melhor forma de exteriorizar o mundo prosaico (SCHLEGEL, 1961).

Além de discutir as literaturas da França e da Itália, o estudo sobre a literatura europeia realizado em Paris também contempla as literaturas da Espanha e de Portugal, o que demonstra o esforço do crítico em estabelecer uma visão abrangente sobre a história da literatura europeia. A surpreendente facilidade que o crítico possuía em aprender novos idiomas pode ser contemplada em suas considerações detalhadas sobre as obras poéticas dos espanhóis e portugueses, principalmente Camões, Cervantes e Calderón, os quais, para o estudioso, pertenceriam a uma segunda época da poesia ibérica (SCHLEGEL, 1958). Os comentários sobre a musicalidade, a suavidade e a cadência do estilo das canções de gesta espanholas – onde o estudioso afirma ter encontrado o próprio Ideal de canção – e a forma literária do *romanze*, que o crítico acreditava ter um parentesco muito íntimo com as narrativas árabes, apontam para um conhecimento específico dessas línguas e culturas (SCHLEGEL,

1958). As conferências de Paris de 1803-1804 demonstram que Schlegel havia se ocupado intensamente com as expressões literárias desses povos, principalmente na admiração que sente pela criação artística do poeta português Luís de Camões (1524 - 1580), em cuja obra *Os Lusíadas* afirmava ter sido representado, como em nenhuma outra narrativa épica heroica, o espírito de um povo:

A introdução da métrica italiana, e o conhecimento de suas maiores composições artísticas aconteceu tanto na poesia portuguesa quanto na espanhola. É no período da arte desencadeado por elas que surge o grande poeta épico, Camões, em cujos belos poemas a poesia portuguesa atingiu seu mais elevado florescimento e perfeição. Em suas pequenas obras líricas se encontram todas as qualidades que em geral caracterizam a língua e a poesia portuguesa: graça e sentimento profundo, ingenuidade, ternura, a doçura do prazer, a melancolia mais arrebatadora, toda a matiz dos sentimentos melódicos, que vão desde o mais suave prazer até o desejo mais selvagem, saudade e tristeza, ironia; tudo isso através da mais clara e pura expressão, cuja beleza não poderia ser mais acabada, e cujo florescimento não poderia estar mais em flor. Seu grande poema, *Os Lusíadas*, é um poema heroico no sentido pleno da palavra. Nessa obra, ele alcançou aquilo que muitas nações e grandes poetas buscaram em vão: o único poema heroico nacional que os modernos têm para apresentar. (SCHLEGEL, 1958, p.157).

Como foi ressaltado, a diferença essencial entre as conferências de 1803 e 1804, realizadas em Paris, e as preleções de 1812 de Viena é a fundamentação das literaturas nacionais da Europa a partir da própria Idade Média europeia. Além disso, a utilização da história como instrumento e critério de fundamentação da literatura europeia, e a investigação dos aspectos intrínsecos e extrínsecos dos fenômenos literários antecipam procedimentos da crítica literária e da historiografia modernas. Nesse sentido, ainda que também se insiram em um paradigma de fundamentação (ou resistência) aristocrata da monarquia austríaca e europeia, os estudos e conferências sobre história da literatura de Friedrich Schlegel, assim como sua atividade crítico-literária, podem ser considerados extremamente atuais. A dedicação com que o crítico se debruçou sobre as mais diversas épocas, culturas e povos, e o esforço em estabelecer critérios objetivos de análise e interpretação da obra de arte literária justificam a grande admiração que grandes críticos da literatura do Ocidente demonstram por Schlegel. A ocupação de Schlegel com a literatura das mais diversas épocas e povos faz com que seu nome “esteja associado ao surgimento da historiografia literária moderna” (MAAS, 2003, p.93). Nesse sentido, obras como a *História da poesia dos gregos e romanos* a *Conversa sobre a poesia*, principalmente em seu trecho denominado *Épocas da poesia*, assim como as conferências parisienses sobre a *Ciência da literatura* (1803-1804), e as preleções de Viena sobre a *História da literatura antiga e moderna* (1812) demonstram o esforço realizado pelo crítico em busca do estabelecimento

de um panorama histórico da literatura europeia. Na opinião de Hans Eichner, as preleções de Viena se diferenciam das anteriores pela amplitude e qualidade, e em razão do desenvolvimento intelectual de Schlegel:

[...] A história da literatura de Viena, de 1812, supera as conferências de Paris e de Colônia não apenas no que se refere à completude, e também não apenas pelo domínio de uma matéria tão extensa. O que ocorre é que próprio juízo de Schlegel se tornou mais equilibrado e maduro; um dos exemplos mais claros disso é a justiça que o crítico faz ao drama clássico francês. Os pontos fracos das conferências de Viena, dos quais as conferências de Paris estão quase livres, podem ser explicados, sobretudo, com referência à época em que elas foram realizadas. Já na época de Paris se concretiza o desenvolvimento decisivo que marcaria os escritos da segunda metade da existência de Schlegel: o fichteano se transforma em católico; o partidário da Revolução Francesa torna-se um oponente decidido, o cosmopolita europeu vira o patriota alemão (EICHNER apud SCHLEGEL, 1961, p.XXI).

Conclusão

Embora seu público fosse restrito ao âmbito da aristocracia – cuja formação seletiva em relação ao povo era considerada negativa pelo autor das conferências – e, ainda que a conversão de Schlegel ao Catolicismo tenha provocado uma ênfase na importância do Cristianismo na formação das poesias nacionais europeias, tanto as conferências de Paris, quanto as de Viena são documentos singulares da formação da historiografia literária ocidental. Em seu esforço por determinar a especificidade dos fenômenos literários em seu tempo histórico, Schlegel se coloca em uma linha de pensamento que sucedia Johann Joachim Winckelmann e Johann Gottfried Herder, cuja contribuição para a historicização dos gêneros poéticos seria igualmente assimilada por Hegel e pelo primeiro romantismo alemão. Dessa maneira, as conferências sobre a história da literatura de Schlegel antecipam a importância que a história teria no século XIX. Também por essa razão, se pode compreender a sentença de Ernst Robert Curtius (2013, p.48) de que, “[...] no que concerne a ciência da literatura europeia, nós temos Friedrich Schlegel”.

MEDEIROS, C. L. de. Friedrich Schlegel and the rise of modern literary historiography. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.1, p.37-53, jan./jun. 2015.

- **ABSTRACT:** *According to Ernst Robert Curtius, the conferences on the history of European Literature, held by Friedrich Schlegel (1772-1829) in Paris and Wien in the early 19th century are among the founding documents of Western literary*

historiography. The starting point of these conferences is Schlegel's pursuit of achieving for the history of literature the same that Johann Joachim Winckelmann had done in the field of plastic arts: a systematic and comprehensive study of literary art. By understanding the literary work of art in its historical context, and by using even history as a critical category, Schlegel inaugurates a new kind of literary historiography. This paper analyses the two series of conferences on the history of European literature with the purpose of discussing the role of Friedrich Schlegel in the establishment of modern literary historiography.

- **KEYWORDS:** Friedrich Schlegel. Literary historiography. History of literary criticism.

Referências

BEHLER, E. **Die Entstehungsgeschichte der Vorlesungen.** In: SCHLEGEL, F. **Wissenschaft der Europäischen Literatur:** Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1958. v.XI, p. XXI-LIII.

_____. Problems of origin in modern literary history. In: PERKINS, D. **Theoretical issues in literary history.** Massachusetts: Cambridge University Press, 1991. p.42-67.

CURTIUS, E. R. Friedrich Schlegel und Frankreich. In: _____. **Kritische Essays zur Europäische Literatur.** Bern: A. Francke Verlag, 1950. p.86-90.

_____. **Literatura europeia e idade média latina.** Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Edusp, 2013.

DIERKES, H. **Literaturgeschichte als Kritik. Untersuchungen zu Theorie und Praxis von Friedrich Schlegels frühromantischer Literaturgeschichtsschreibung.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1980.

MAAS, W. P. História como sistema e revelação: a “História da literatura antiga e moderna”, de Friedrich Schlegel. **Fórum Deutsch:** revista brasileira de estudos germanísticos, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.93-105, 2003.

SCHLEGEL, F. **Wissenschaft der Europäischen Literatur:** Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1958. v. XI.

_____. **Geschichte der alten und neuen Literatur:** Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1961. v. VI.

_____. **Bis zur Begründung der Romantischen Schule:** Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1987. v. XXIII.

SCHMIDT, W. A. von. Berührungspunkte der Romantheorien Herders und Friedrich Schlegels. **The German Quartely**, Illinois, v.47, n.3, p.390-420, 1974.

SILVA, A. A. da. O interessante em Friedrich Schlegel. **Trans/Form/Ação**, Marília, v.34, n.esp. 2, p.75-94, 2011.

SZONDI, P. Friedrich Schlegel und die romantische Ironie. In: SZONDI, P. **Schriften II**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1978. p.11-31.

THALMANN, M. Nachwort. In: TIECK, L. **Frühe Erzählungen und Romane**. München: Winkler Verlag, 1963. p.141-144.

THOUARD, D. Der unmögliche Abschluss. Schlegel, Wolf und die Kunst der Diaskeuasten. In: BENNE, C.; BREUER, U. **Antike – Philologie – Romantik:** Friedrich Schlegels altertumswissenschaftliche Manuskripte. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2011. p.41-61.

